

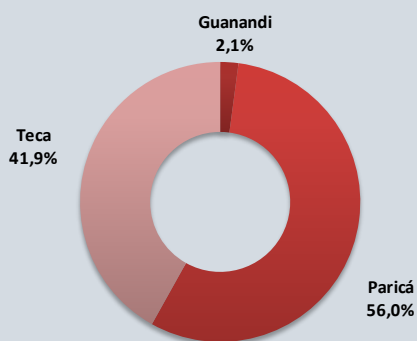
Riscos da Atividade Florestal

A recente conscientização para as questões ambientais, a modernização da legislação e o fortalecimento atual da respectiva fiscalização, sem dúvida alguma trazem grandes empecilhos à utilização da madeira proveniente de espécies nativas. E num futuro próximo essa perspectiva certamente se agravará de forma significativa.

Todavia, não restam dúvidas de que esse cenário também trará novas oportunidades, principalmente para o plantio de espécies que venham a substituir o uso das chamadas madeiras nobres, consumidas em todo mundo.

Atualmente já existem algumas iniciativas que visam atender esse nicho de mercado, é o caso dos cultivos das espécies Guanandi (*Calophyllum brasiliensis*), Paricá (*Schizolobium amazonicum*) e Teca (*Tectona grandis*). Atualmente, o Brasil dispõe de aproximadamente de 143,2 mil hectares plantados com essas espécies (Figura 1).

Figura 1. Composição da Área Plantada.



O Paricá por apresentar uma madeira leve de coloração clara é muito apreciado para a fabricação de laminados e compensados especiais. Já o Guanandi tem uso potencial na indústria moveleira e naval.

Mas na atualidade a vedete dessas espécies é a Teca, fato este devido principalmente aos altos preços que essa madeira pode alcançar no mercado internacional.

Estima-se que existam cerca de 6,0 milhões de hectares de Teca no mundo, 5,5 milhões destes estão na Ásia. No Brasil, plantios florestais de Teca são encontrados principalmente nos estados do Mato Grosso, Amazonas e Acre e totalizam aproximadamente 60 mil hectares.

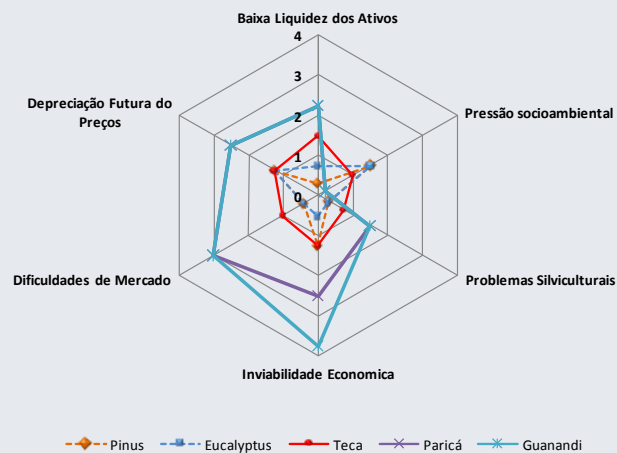
Um dos principais problemas dessas novas oportunidades de investimento é a deficiência da mensuração do risco envolvido com a atividade ao investimento realizado.

Na análise de viabilidade dos negócios, o conceito e a análise de risco se destacam como de relevante importância. Especificamente em relação à atividade florestal, a análise de risco é fundamental e apresenta alto grau de dificuldade devido ao fator tempo de maturação do empreendimento.

Nesse contexto, a Silviconsult desenvolveu um modelo para avaliação de riscos de investimentos florestais, seja ele com espécies convencionais (Pinus e Eucalyptus) ou com espécies que configuram novas oportunidades de negócio. O modelo contempla variáveis como Produtividade, Custos de Implantação, Preços de Mercado, dentre outras.

A análise de risco mostra que investimentos em plantios de Eucalyptus no Brasil é a oportunidade de negócio que apresenta o menor risco (0,78), em uma escala que vai de 0 a 4; seguida da cultura do Pinus, com um risco médio de 0,83. O cultivo de Teca apresenta um risco mediano, da ordem de 1,13. O Paricá e o Guanandi configuram-se como as alternativas de maior risco, respectivamente, 1,61 e 1,93 (Figura 2).

Figura 2. Mapa de Risco por Espécie.



Além de auxiliar na análise da viabilidade do empreendimento esta análise pode auxiliar na determinação da localização dos plantios e do mix de espécies cultivadas, objetivando minimizar a relação risco x retorno.

No mundo corporativo, risco e retorno apresentam limites entre o céu e inferno. O que nos resta é estar cientes de quais são os benefícios disponibilizados pelo céu e quais são os perigos que apresentam o inferno.

Alex Sandro Nogueira, M. Sc. em Economia Florestal, MBA em Finanças pela FAE Business School. Consultor da área de negócios florestais da Silviconsult.